

MOAMBA: ALDEIA COMUNAL É "VIGILÂNCIA"

15/4/79

Com satisfação, mostrou as casas pobres mas alinhadas, os arruamentos já abertos, as latrinas instaladas. Com orgulho apontou a casita erguida há dias pelos operários que vieram de Maputo. Afonso Maliquete falou também da cooperativa agrícola, do posto sanitário, da escola e da alfabetização. Para olhos estranhos, aquela poderá não ser mais do que uma outra aldeia de camponeses. Para Afonso Maliquete, a «VIGILÂNCIA» é a sua aldeia comunal.

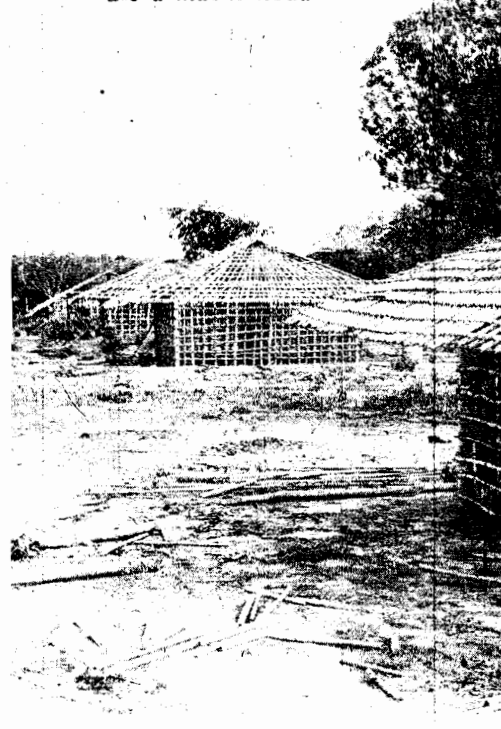
Aldeia comunal, não é, não pode ser apenas casas bem feitas, ruas bem traçadas, água, latrina, cozinha... A aldeia comunal deve ser, antes de mais, produção colectiva, produção que mobiliza para o trabalho colectivo primeiro e cria condições para, depois, fazer as casas bonitas, as ruas bem traçadas....

Perto da Moamba, localidade sede do distrito do mesmo nome, província de Maputo, cem camponeses criaram a cooperativa agrícola VIGILÂNCIA. Depois, vieram eles próprios que dormir longe do local de trabalho é desvantajoso: um homem quando chega à machamba já vai cansado da longa caminhada; regressa a casa ao fim do dia que nem sente o corpo. Dorme pouco porque se deita mais tarde e há que

levantar muito cedo, come mal por não ter tempo para cozinhar. Rapidamente, a sua conclusão sobre as desvantagens do local para viver, se tornam conclusões de todos os seus companheiros: «vamos trazer a casa até à machamba.» Assim nasce a aldeia comunal: da necessidade da vida e do trabalho colectivos.

A aldeia comunal VIGILÂNCIA está dividida em quatro blocos cada um com capacidade para 250 casas. Actualmente vivem lá 243 famílias, entre as quais se encontram os cem cooperativistas. Para uma aldeia comunal eles são poucos: mobilizaram os vizinhos para a «VIGILÂNCIA», com o intuito de os levar, mais tarde, a produzir também colectivamente.

Aldeia comunal: «trazer a casa até à machamba»



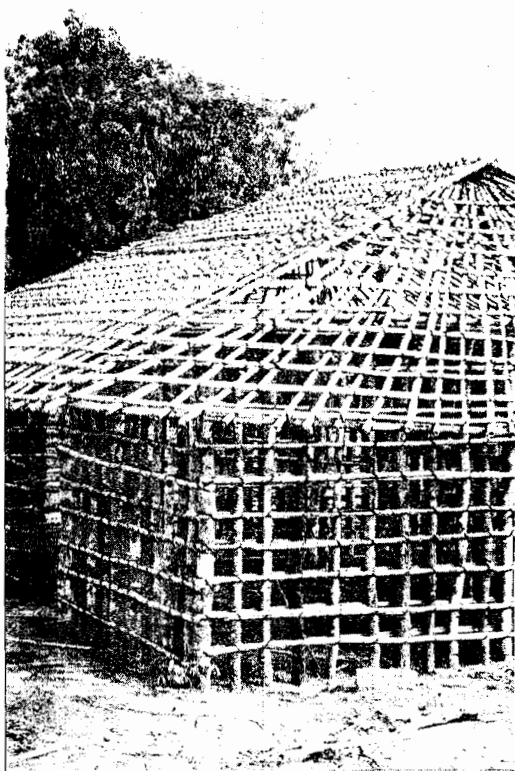
Os primeiros que vieram foram viúvas e velhos. A estes, como estão sozinhos, agrada a companhia, a ajuda que sempre vem do vizinho. As suas palhotas foram desmontadas, carregadas às costas. Uma delas veio de muito longe, transportada por operários que vieram do Maputo.

INDÍCIOS DE UMA NOVA VIDA

Foi Afonso Maliquete que insistiu em irmos até ao fundo do talhão mais afastado, onde se encontra uma palhota quase acabada.

Sorridente disse ser aquela a casa feita pelos operários e que todos os anos, em 19 de Março, os camponeses da aldeia fariam limpeza e conservação daquela casa, que ficará a assinalar o apoio recebido. Assim, mostrariam o seu reconhecimento para com o gesto dos operários organizados pelos Conselhos de Produção.

Depois fizeram-nos percorrer outros locais. Vimos as cozinhas colectivas, as latrinas, algumas das casas, a escola.



Eram várias as crianças que ali estavam: falaram muito.

Uma, prometeu estudar muito para um dia ser enfermeira na aldeia «...se puder, até mesmo *médica*» disse a menina. Um seu colega deseja vir a ser maquinista «para trabalhar no tractor e na moto-bomba». Esta é também a realidade da aldeia comunal: o pensar sempre no futuro melhor.

A alfabetização é outra preocupação dos camponeses da aldeia comunal VIGILÂNCIA. São poucos os que falam português. Mas dizem que é preciso aprender «para saber contar a produção».

Armando Chauque falou em nome de todos eles, em diálogo que reproduzimos:

EM NOME DE TODOS

TEMPO — Sabemos que é cooperativista e morador da aldeia comunal VIGILÂNCIA. Antes de ser cooperativista, onde é que trabalhava?

ARMANDO CHAUQUE — Eu, primeiro, trabalhava na África do Sul e depois voltei em 1974, no

mês de Outubro. Em 1975 começámos a fazer uma machamba colectiva e foi atrás disso que veio a ideia de fazer uma cooperativa. Agora trabalho mesmo na cooperativa.

«T» — Qual foi a razão porque foi trabalhar na cooperativa?

A.C. — A razão é que a gente estudou e viu que trabalhar na África do Sul não dá, porque também se está sempre a morrer de fome. Então vimos que é melhor trabalhar na cooperativa porque dá outra orientação no trabalho e faz trabalhar, trabalhar de uma maneira nova.

«T» — Mas se você trabalhasse sozinho numa machamba também não passava fome, não é verdade?

A.C. — Não, sozinho não. A gente precisa trabalhar colectivamente para aguentar o trabalho. Como na machamba há muito trabalho, rega, sacho, tudo, é preciso que toda a população trabalhe colectivamente.

«T» — Vocês começaram devagar. Agora já têm irrigação para uma machamba grande... Como é que conseguiram chegar tão longe?

A.C. — Nós fizemos uma pequena reunião, conversámos para ver se podíamos abrir uma grande machamba. Combinámos, trabalhámos, chegou a certo ponto a comissão foi pedir apoio ao nosso distrito. Apoiou com uma máquina para abrir aquelas valas grandes, fez tudo, agora só falta já começar a semear milho.

«T» — Então vocês agora estão a começar a construir uma aldeia comunal. Porquê também a aldeia comunal? Vocês já tinham as vossas casas, num outro local...

A.C. — Sim, estávamos bem mas as coisas não iam tão bem, porque os outros chegavam lá às oito, nove horas e quando perguntavam diziam. «Eh! venho de muito longe». Alguns vinham mais de sete quilómetros, oito quilómetros chegavam lá, eram dez horas. Então vimos que é melhor criar uma aldeia comunal para podermos ficar juntos, viver

juntos, podemos ter escola e posto de saúde para todos. Então começámos, viemos aqui escolher este lugar e já começámos a viver aqui. Agora, quando chega o carro para nos levar ao trabalho, as coisas não demoram assim tanto.

«T» — Foi só por causa disso que a vossa vida melhorou?

A.C. — Não, melhorou muito, porque no tempo em que vivíamos ali separados não ficava bem agora aqui dentro da aldeia e dentro da cooperativa temos quase tudo. É mais fácil para o Governo apoiar-nos. Vive-se melhor do que lá, de onde a gente saiu.

Aqui temos escola, temos tudo, os nossos filhos estudam bem, aqui dentro da aldeia as dificuldades que temos, podemos superar. É melhor viver junto porque a gente consegue mais. Daqui a nada havemos de ter tudo.

«T» — Mas vocês devem também ter dificuldades. Quais são?

A.C. — Temos dificuldades, sim. O problema que temos aqui é falta de água. Na cooperativa também tínhamos falta de água mas essa dificuldade está quase a fugir. Mas aqui é pior: fizemos um buraco mas quando chega ao meio-dia acaba a água toda. Falámos já com o responsável da comissão da aldeia comunal e ele há-de ir levar esse problema à província, para ver se dá um jeito para abrir um poço de água.

«T» — Contaram-nos que estiveram cá operários a ajudar-vos. O que é que vocês pensam dessas pessoas que vieram aqui?

A.C. — Aqueles que vieram no sábado para apoiar o trabalho, a gente agradeceu muito porque vieram de longe, de Maputo para cá, apoiar os trabalhos, fizeram casas, abriram latrinas, estradas, apanharam caniço, tudo. Esta semana talvez hão-de chegar outros e tudo isso melhora a nossa vida. Antigamente isto não podia ser. Porque a gente vivia assim isolada. Como estamos a viver juntos, eles conseguiram vir aqui, fizeram quase sete latrinas, quatro estradas e tudo.

Jorge Costa